

FONTE : FSP

CLASS. : 297

DATA : 17 12 90

PG. : A-2



## De Herzog a Chico Mendes

Marcelo Coelho

SÃO PAULO — Enquanto a crise econômica continua a projetar para um futuro bastante vago a promessa de "dias melhores", já se prenunciam, de algum modo, os temas mais importantes do Brasil pós-inflação. Não há, por certo, notícias convincentes quanto ao advento deste. Venha ou não uma catástrofe econômica inconfundível e total, parece razoável supor, contudo, que nenhum problema dura para sempre. Até mesmo pelo cansaço, enfim, novas questões ganham presença no país.

O caso Chico Mendes veio arrancar definitivamente da obscuridade e da distância o problema dos assassinatos no campo; sem dúvida, já haviam recebido destaque as mortes de um padre Jesuino ou, mais remotamente, de Wilson Pinheiro. O desfecho do julgamento e, sobretudo, a atenção internacional que despertou parecem todavia abrir uma nova etapa. Faz-se comparar este caso ao de Vladimir Herzog em 1975: depois de anos de repressão e de tortura, uma espécie de condensação histórica cercou o acontecimento, car-

regando-o de consequências políticas.

Tivemos, na história recente do Brasil, a questão da democracia; vivemos a plena saturação do debate econômico. Não é despropositado especular sobre o que virá depois — ainda que esse "depois" pareça distante. O caso Chico Mendes aponta, se é lícito algum esforço de generalização, para o tema da eficácia do Estado. Neste episódio em particular, trata-se de sua presença no território nacional, sua função básica de administrar justiça e segurança. Mais do que isso, certamente, estará em jogo: não apenas no que diz respeito à ecologia (com o que pressupõe de planejamento global), mas também a serviços fundamentais, como saúde e ensino. Não cabe imaginar como poderá ocorrer a cristalização desses temas em fatos e discussões concretas; tudo ainda está para ganhar, não importância real, que já existe, mas uma configuração significativa para a opinião pública. Ainda é cedo para fazer previsões; mas, passada a crise, será sem dúvida agradável dizer que o debate econômico já foi tarde.